

Escalada de tensão Rússia-Ucrânia

Inflação global de alimentos e preços dos combustíveis também vão atingir os Açores

A escalada de tensão entre a Rússia e a Ucrânia (e por arrasto, o Ocidente), dois pesos-pesados da agricultura mundial, faz crescer o risco de interrupções no fornecimento e uma inflação global de alimentos, assim como uma subida dos preços dos combustíveis devido aos ganhos adicionais em grão e oleaginosas, segundo a agência Reuters.

Especialistas dos Açores corroboram a ideia de que estas consequências também se farão sentir na região, especialmente na área dos alimentos e dos combustíveis.

Para Mário Fortuna, professor de economia na Universidade dos Açores e Presidente da Câmara do Comércio de Ponta Delgada, se já estávamos com preocupações relativamente à inflação na Europa, “agora poderá agravar-se com as sanções, bloqueios e aumento de preços da energia, o que provocará aumentos em cadeia”.

Com a inflação a subir mais do que o previsto, o Banco Central Europeu vai ter que intervir, aumentando as taxas de juro, “o que se reflete em tudo”.

“Somos importadores de capital, o que significa que vamos pagar mais caro aos outros que nos emprestam dinheiro”, explica Mário Fortuna, acrescentando que “o que consumimos nos Açores vem de fora, por transporte, o que agrava ainda mais a situação, porque quase todos os nossos factores de produção são importados”.

Para vários especialistas, o clima de guerra deve forçar os compradores de trigo, milho e óleo de girassol a encontrar carregamentos alternativos, elevando os preços mundiais dos alimentos já perto de máximas de vários anos.

Rússia e Ucrânia respondem por cerca de 29% das exportações globais de trigo, 19% dos abastecimentos mundiais de milho e 80% das exportações mundiais de óleo de girassol, pelo que qualquer envolvimento militar fez os comerciantes temer pelo movimento das colheitas e desencadear uma corrida em massa dos importadores para substituir os abastecimentos da região do Mar Negro.

“As interrupções no fornecimento da região do Mar Negro vão afectar a disponibilidade global geral”, reconhece Phin Ziebell, economista de agro-negócios do National Australia Bank.

“Os navios estão a evitar entrar no Mar Negro por causa do risco de guerra”, garantiu um trader de Singapura à agência Reuters, e “as interrupções de fornecimento já estão a ocorrer”.

Os preços mundiais dos alimentos já estão perto dos máximos de 10 anos, liderados pela forte procura por trigo e lacticínios, segundo revelou a agência



“O que consumimos nos Açores vem de fora; quase todos os nossos factores de produção são importados”

de alimentos da ONU no final do ano passado.

Há ainda um apoio adicional para os mercados agrícolas decorrente de uma alta nos preços do petróleo bruto, com o aumento do uso de produtos agrícolas no fabrico de combustíveis alternativos.

Empresas exportadoras preocupadas

As exportadoras portuguesas também estão preocupadas.

Ouvidas pelo jornal ECO antecipam já um avolumar das dificuldades que vão desde a burocracia à fiscalidade, passando pelas finanças e pelo acesso aos mercados.

Para a Quinta do Portal, a Rússia está na lista dos melhores mercados internacionais — pesam 65% na faturação anual de quatro milhões de euros —, a par dos Estados Unidos da América (EUA), Brasil e Canadá.

Tem dois importadores no país liderado por Vladimir Putin, onde há duas décadas começou por vender Vinho do Porto e somou, entretanto, as categorias DOC Douro.

Outra é a OLI, uma empresa industrial de Aveiro que surge inclusive no top 10 dos exportadores portugueses para aquele país, segundo a lista fornecida pelo INE, e que reconhece que “os impactos são difíceis de prever e muito dependerá do que for o desenrolar da situação”.

“Naturalmente que a desvalorização do rublo russo e a imposição de taxas alfandegárias podem ter impacto nas nossas exportações para a Rússia. Contudo, como também temos produção no país, essa tornar-se-á mais competitiva e mais acessível”, completa António Ricardo Oliveira. Em 2021, as vendas de autoclismos e mecanismos para cerâmicas na Rússia cresceram 30% em relação ao ano anterior, totalizando 5,5 milhões de euros — o volume global da empresa

ascendeu a 70 milhões de euros.

O administrador refere que “neste momento ainda não sentiram impacto na atividade” relacionada com a instabilidade das últimas semanas e que os parceiros, clientes e fornecedores naquele país “transmitem que continuam tranquilos e a viver num clima de normalidade, apesar do mediatismo da situação”.

Portugal vende à Rússia mais de 178 milhões de euros

De acordo com os dados preliminares do INE, relativos ao ano de 2021, Portugal vendeu à Rússia mercadorias no valor de 178,4 milhões de euros, o que significa uma taxa de cobertura pelas importações de 16,7%.

Aliás, o desequilíbrio no comércio é visível noutro ranking: é o 13º maior fornecedor do país e apenas 37º principal cliente.

Na lista dos bens mais vendidos para aquele destino destacam-se os produtos agrícolas e alimentares, a cortiça e a maquinaria industrial.

E se nos cortam o gás?

No caso de um cenário de guerra iminente, em que Moscovo decida cortar o abastecimento de gás aos países europeus como retaliação face às sanções já impostas por parte dos EUA, da UE e outras potências mundiais, pode a Europa sobreviver a este inverno sem gás russo? E durante quanto tempo?

Para já, as respostas dividem-se entre um rotundo “não” e um “talvez”, mas com muitas reticências.

Bruxelas já pediu aos Estados-membros para tentarem diversificar ao máximo os seus fornecedores de gás natural e já está mesmo no terreno, face a esta crise que se adensa a cada minuto que passa, a negociar com países como o Qatar, Argélia e Egito o fornecimento de gás natural liquefeito (GNL) — que chega

aos portos europeus por navio e não por gasoduto — para aliviar possíveis cortes no fornecimento russo.

“Não é possível substituir todo o gás russo por GNL”, avisou desde logo Thierry Bros, professor da Sciences Po Paris, em declarações à agência France-Presse (AFP). Quanto ao gás, abastecido por gasodutos, “vem da Noruega, Argélia e Azerbaijão, mas esses países já não têm capacidade de produção adicional”, indicou.

Do lado da Rússia, ainda não há ameaças explícitas de cortes no gás que é exportado para a Europa, mas o Kremlin já avisou que as sanções já impostas — como a decisão pela Alemanha de não certificar o gasoduto Nordstream 2, pronto desde o início do ano e que permitiria duplicar os fluxos de gás para o centro europeu — vão sair caras e os preços do gás vão subir em flecha.

Os países que mais sofreriam sem o gás russo seriam a Alemanha, Hungria, Itália e os Países Baixos.

Em Portugal, o Governo já deu conta que a dependência face a Moscovo é baixa, apesar de em 2021 a Rússia ter sido o terceiro maior fornecedor de gás do país. Em 2022 ainda não chegou gás russo a Portugal.

O estudo conclui assim que a Europa tem dois grandes desafios pela frente: encontrar alternativas ao gás russo e, ao mesmo tempo, reduzir o consumo doméstico e também a procura. Nesse cenário, cabe aos governos estabelecer desde já um plano de emergência para definir prioridades para o uso do gás, tais como aquecimento ou para produção de eletricidade.

Quanto às alternativas, o estudo do Bruegel reconhece que “a Península Ibérica é um hub para terminais de importação de Gás Natural Liquefeito (gás natural em estado líquido que foi arrefecido para facilitar a segurança de armazenamento e transporte em navios) proveniente, por exemplo, dos Estados Unidos, que até já aumentaram a sua produção para exportar mais para a Europa.

Na opinião do Secretário de Estado da Energia, João Galamba, uma das portas de entrada do gás americano na Europa podia ser o Porto de Sines. “No entanto há ainda a limitação da interligação ente Espanha e França. O gasoduto nos Pirinéus existe mas tem pouca capacidade. O papel dos portos da Península Ibérica tem de ser repensado, apesar da resistência de França”, rematou Galamba, relembrando que “a melhor defesa contra a dependência do gás natural é investir mais nas renováveis”.